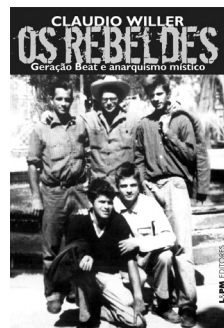


Jack Kerouac e o anarquismo místico

CLAUDIO WILLER (2014). *Rebeldes: Geração Beat e Anarquismo Místico*. Porto Alegre: L&PM Editores, 200 pp.



I

O poeta, ensaísta, crítico e tradutor Claudio Willer (1940), reconhecidamente o mais importante estudioso brasileiro da literatura beat e um dos mais finos representantes da atual geração de poetas, lançou em 2019 *Dias Ácidos, Noites Lisérgicas* (São Paulo, Editora Córrego), coletânea de crônicas, mas o que traz este articulista até aqui é o seu livro *Os Rebeldes: Geração Beat e anarquismo místico* (Porto Alegre, Editora L&PM, 2014), uma história imperdível e definidora do que foi a contracultura no século XX. E que é de uma profundidade que nem mesmo os críticos e ensaístas americanos alcançaram, embora não tenham sido poucos os daquele país que examinaram a religiosidade e misticismo no âmbito da geração beat.

Escrita em português apurado e em estilo leve, de quem dedicou toda a vida a atividades culturais e chegou a pós-doutor já com os cabelos encanecidos, esta obra não só conta a história de cada um dos principais representantes daquele movimento como mergulha nas experiências artísticas de seus personagens para desvendar as influências que marcaram esse movimento que se iniciou a partir de 1943/1944.

Detém-se, porém, especialmente sobre a obra de Jack Kerouac (1922-1969), escritor de ascendência franco-canadense, autor de *On the Road* (1957), obra considerada a bíblia do movimento hippie, sem deixar de focalizar suas afinidades e relações com outros expoentes do movimento, como William Burroughs (1914-1997), Allen Ginsberg (1926-1997), Gregory Corso (1930-

-2001), Michael McClure (1932-2020), Diana Di Prima (1934), Gary Snyder (1930) e Lawrence Ferlinghetti (1919).

Definida a filosofia da geração como produto de um anarquismo místico, Willer procura recuperar a história de Jack Kerouac, que seria o porta-voz daquele movimento, “um rebelde que nunca pactuou com a exploração e a injustiça”, além de ter sempre abominado todo tipo de elite e autoridade. Mas adverte que a cosmovisão tradicionalista de Kerouac se traduz em reverência diante dos vagabundos errantes, e de índios, negros e integrantes de culturas arcaicas, como os esquimós, aos quais visitou na Groenlândia em sua primeira viagem de navio.

Segundo Willer, qualquer um desses marginais com relação à civilização ocidental equivalia, para Kerouac, aos felás ou *fellahéen* do alemão Oswald Spengler (1880-1936), mas com uma exceção: a visão que este filósofo tinha das culturas arcaicas seria elitista, pois dotada de um profundo desprezo pelas “massas”, enquanto a do escritor americano reverenciava a plebe, ou seja, aqueles que pertencem à base da pirâmide social.

Firmado em extensa base teórica, Willer, familiarizado com a geração beat há décadas, pôde dedicar-se a estudar a obra de Jack Kerouac, que ocupa a maior parte deste ensaio. Tanto que, na bibliografia, constam 25 livros de Kerouac publicados em inglês ou em português, além de uma entrevista dada para a *Paris Review* nº 41, em 1968, que está na Internet. Ao mesmo tempo, o ensaísta analisa a pluralidade religiosa, política e literária que uniu os autores ligados ao movimento, observando que, pela primeira vez, aquela rebelião artística não teria sido comandada por burgueses dissidentes ou aristocratas excêntricos, mas por proletários e *lumpens*, ou seja, mendigos, marginais, subempregados, artistas boêmios e outros representantes do estrato inferior da sociedade.

II

Como mostra Willer, embora não possa ser considerado um movimento religioso, a geração beat foi influenciada pelo budismo, hinduísmo, taoísmo e outras correntes, pois fundamentada em poetas que se relacionaram com tradições místicas, esotéricas e ocultistas, em especial o inglês William Blake (1757-1827), o francês Arthur Rimbaud (1854-1891) e o irlandês William Butler Yeats (1865-1939). Outra influência veio do anarquismo como contraponto aos dois blocos que sustentavam a Guerra Fria (1947-1991), o monoteísmo institucional e o materialismo ortodoxo, ou seja, o capitalismo representado pelos Estados Unidos e o comunismo pela União Soviética.

Esse anarquismo, porém, pouco tinha a ver com aquele que teve forte influência na Espanha, até a chegada do general Francisco Franco (1892-1975) ao poder em 1936, e que propunha uma sociedade de liberdades individuais, sem autoridade ou poder estatal, baseada na ajuda mútua e voluntária. Para Willer, o anarquismo beat seria uma terceira via, “aquela da religião pessoal, do sincretismo, pluralismo e heterodoxia; da liberdade, inclusive no modo de relacionar-se com a esfera transcendental ou com camadas mais profundas do próprio ser”.

Como lembra o autor em nota introdutória, este denso ensaio foi preparado durante seu pós-doutoramento em Letras na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (FFLCH) da Universidade de São Paulo (USP), sobre o tema “Religiões estranhas, misticismo e poesia”, concluído em 2011. Em 2008, já havia obtido o título de doutor em Letras na mesma instituição, na área de Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa, com a tese “*Um Obscuro Encanto: Gnose, Gnosticismo e a Poesia Moderna*”, publicada pelas Editora Civilização Brasileira em 2010. Aproveitando sua passagem pela USP, como professor convidado, deu curso de pós-graduação sobre surrealismo e outro de extensão cultural sobre a geração beat.

III

Nascido em São Paulo, Claudio Willer é graduado em Ciências Sociais e Políticas pela Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo, em 1963, e em Psicologia pela Universidade de São Paulo (USP), em 1966. Entre os seus livros estão também *Geração Beat* (Porto Alegre, L&PM, 2009), *Estranhas experiências: poesia* (São Paulo, Lamparina, 2004, Buenos Aires, Nulu Bonsai Editora, 2018, tradução de Thiago Souza Pimentel), *Volta: narrativa* (São Paulo, Iluminuras, 2004), *A verdadeira história do século XX, poesia* (Lisboa, Apenas Livros, 2015, São Paulo, Córrego, 2016), *Anotações para um apocalipse* (São Paulo, Massao Ono, 1964), *Dias circulares* (São Paulo, Massao Ono, 1976), e *Jardins da provocação* (São Paulo, Massao Ono/Roswitha Kempf, 1981).

Publicou ainda a coletânea *Escritos de Antonin Artaud*. Traduziu: *Os cantos de Maldoror, poesias e cartas, de Lautrémont* (São Paulo, Iluminuras, 2008) e *Uivo e outros poemas, de Allen Ginsberg* (L&PM, 2010). Teve publicados também *Poemas para ler em voz alta* (Costa Rica, Andrômeda, 2007), tradução de Eva Schnel, *Manifestos, 1964-2010* (São Paulo, Azougue, 2013) e ensaios na coletânea *Surrealismo* (São Paulo, Perspectiva, 2008).

Seus trabalhos estão incluídos em antologias e coletâneas, no Brasil e em outros países, que fazem parte de uma bibliografia crítica formada por ensaios em revistas literárias, resenhas e reportagens na imprensa. Está citado em obras de história da literatura brasileira, como as de Afrânio Coutinho (1911-2000), Alfredo Bosi (1936), Carlos Nejar (1939), José Paulo Paes (1926-1998) e Luciana Stegagno Picchio (1920-2008). Ao lado de Sergio Lima (1939) e Roberto Piva (1937-2010), foi um dos únicos poetas brasileiros a receber menção do periódico francês *La Brèche-Action Surrealiste*, dirigido por André Breton (1896-1966), em fevereiro de 1965.

Ocupou cargos públicos em administração cultural e presidiu por vários mandatos a União Brasileira de Escritores (UBE). Foi coordenador da Formação Cultural da Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo de 1993 a 2001. Coeditou, com Floriano Martins, a revista eletrônica *Agulha*, de 1999 a 2009. Tem dado cursos e palestras e coordena oficinas literárias em universidades, casas de cultura e outras instituições. Mais informações podem ser obtidas em <http://claudiowiller.wordpress.com/>

*Adelto Gonçalves**

* Doutor em Letras na área de Literatura Portuguesa pela Universidade de São Paulo (USP), ensaísta e crítico literário.